

. A LINGUAGEM DA SAUDADE, POR MARIAROSA FABRIS

. DIARIOS DE FULVIO PENNACCHI, TRADUZIDOS POR MARIAROSA FABRIS

A LINGUAGEM DA SAUDADE

MARIAROSARIA FABRIS

O cara al pensier mio, terra gentile [...]

tu ridi allegra al ciel che di simile

gioia t'arride e al tuo favor s'inchina;

a te dolci aure, a te perenne aprile

veston di verde il campo e la collina.

Giosuè Carducci, "Terra gentile" (*Juvenilia*, 1850-1860)

Onde estou? Por que ninguém entende o que eu falo? Por que eles olham e olham e balançam a cabeça? Que lugar é este onde a gente veio parar? Que cidade mais esquisita é esta? Por que tem casas que eu nunca vi igual?

João Silvério Trevisan, *Ana em Veneza* (1994)

As palavras de espanto da pequena Júlia da Silva Bruhns (futura mãe de Thomas Mann) diante de uma nova paisagem, o perfil urbano da Alemanha de seus antepassados paternos, podem servir de mote para entender o estranhamento de Fulvio Pennacchi ao se deparar com uma nova realidade - a das cidades, mas, principalmente, a do campo -, quando de sua vinda ao Brasil.

Santos, porto de chegada (5 de julho de 1929), e São Paulo, cidade de destino, merecem do pintor só rápidas considerações em seu diário:

"Santos me parece uma cidade que só entende de comércio, casas baixas e pequenas, prédios sem estilo e sem um bom padrão estético. [...] Vejo São Paulo, e estou confuso e decepcionado, impressão talvez até injusta, mas por ora aparente. É uma cidade barulhenta, cheia de vida comercial. Nada mais".

O interior paulista, no entanto, com seu modo de vida ainda tão primitivo aos olhos do artista, faz surgir a comparação com a região da Garfagnana, o belo vale toscano incrustado entre os Alpes e os Apeninos, e cortado pelo rio Serchio, onde se localizam

seu lugarejo de origem e a vizinha cidade de Lucca, na qual o jovem Fulvio fez os estudos de pintura.

“Minha linda Garfagnana! Aqui só há tristeza. Meu irmão, porém, está tranqüilo e se adapta bem à vida, está feliz e bem satisfeito, se contentam com pouco. [...] Estou extremamente desolado e penso em minha mãe, nos meus, e olho o sol que nasce, aquela triste paisagem, cheio de desalento e de medo. Oh, minha bela pátria!” - anota Pennacchi, nos dias 25 e 26 de agosto de seu ano de chegada, com o pensamento e o olhar saudosos voltados, como na poesia do conterrâneo Giosuè Carducci (vate inspirador de jovens literatos no último quartel do século XIX), à “terra gentil”, a qual troca sorrisos com o céu que lhe presta homenagem, enquanto uma brisa suave e uma eterna primavera revestem de verde o morro e a campina.

O novo habitat sucumbe ao ser confrontado com a harmonia da paisagem natal do pintor, que aqui veio para fazer, a duras penas, a América, deixando para trás a maior parte de seus afetos. A luta pela sobrevivência, a princípio, é tão urgente e brutal, que o artista permanece alheio aos acontecimentos históricos que vão se sucedendo: o craque da Bolsa de Nova York, pouco depois de sua chegada; a Revolução de 1930, lembrada em seu diário em duas breves anotações - *“Há vinte dias, no Brasil, fazem a revolução e eu não faço nada de nada. [...] Os revolucionários ganharam (24 de outubro) e o povo está entusiasmado com a vitória.”* -; a Revolução Constitucionalista de 1932, sobre a qual só comenta: *“Há mais de dois meses, não recebo correspondência de casa e nem posso escrever por falta de serviço postal. Hoje tento [enviar] uma carta pelo S[erviço] P[ostal] aéreo. Há 29 dias São Paulo está em revolução”*.

Os fatos ligados à pátria distante, entretanto, o tocam: a chegada do encouraçado *Trento* (18 de agosto de 1929) e a travessia do Atlântico Sul, levada a cabo entre 17 de dezembro de 1930 e 15 de janeiro de 1931 por Italo Balbo e cinquenta homens a bordo de 12 hidroaviões, aclamados em São Paulo no dia do aniversário da cidade, são anotadas com entusiasmo.

Esses acontecimentos, assim como o fato de Pennacchi procurar a sede do Partido Fascista de São Paulo (14 de janeiro de 1930) para filiar-se, não devem ser necessariamente interpretados como uma adesão irrestrita a uma determinada ideologia, pois nisso podemos entrever antes o desejo de manter vivo um sentimento de

italianidade ou mais um jeito de garantir a própria subsistência, pois o artista revela toda sua decepção quando o partido não se preocupa em ajudá-lo. De fato, em nome da italianidade, Pennacchi buscava a solidariedade de seus patrícios. Além disso, um de seus amigos dos primeiros tempos é Giacinto Perrone, que ele descreve como um sujeito *“muito espirituoso e um ótimo tipo de ‘camarada’, bebedor de vinho... batizado e de canecas de cerveja alemã, opositor irrequieto e obstinado, antifascista nato”* (22-24 de julho de 1929).

A forte ligação com o país de origem está presente o tempo todo não só em seu diário (de julho de 1929 a agosto de 1932), registro - a princípio, minucioso; depois, mais geral - de suas impressões e atividades na nova terra, como posteriormente nas poesias, nas quais a saudade ainda não se aplacou, apesar de o artista ter conseguido construir uma existência serena no Brasil.

Uma saudade que se manifesta na escolha dos temas - que exaltam os afetos familiares e as coisas simples e humildes do dia-a-dia e da natureza, como em Giovanni Pascoli (discípulo de Carducci), e louvam perenemente o Criador, na trilha da lauda com que Francisco de Assis inaugurava a literatura italiana -; no emprego da língua materna (em que continua a expressar suas emoções e seus sentimentos, embora, já no diário, o português não deixe de contaminar o italiano e, então, *brasiliero* começa a alternar-se com *brasiliano*, enquanto o termo *interno*, que continua sendo usado até hoje pelos italianos residentes no Brasil, passa a indicar o nosso interior, ou seja, uma região geográfica que na Itália de Pennacchi ainda não era comumente designada como *entroterra*); nas modulações poéticas ligadas a uma tradição literária italiana.

Como não ouvir, nos primeiros versos de “Serenidade de amor”, o mesmo ritmo melódico da estrofe inicial da balada quatrocentista “Trionfo di Bacco e di Arianna” (“Triunfo de Baco e Ariadne”), em que Lorenzo de’ Medici - ou Lourenço, o Magnífico - exaltava a juventude fugidia e exortava a vivê-la alegremente diante das incertezas do amanhã?

*“Quant’è bello il cielo sereno
luna e stelle chiare, chiare,
quanta pace nel soave
riposare della sera”.*

*“Quant’è bella giovinezza
che si fugge tuttavia!
chi vuol esser lieto sia:
di doman non c’è certezza”.*

Ademais, como nos sonetos em que Dante Alighieri cantou seu amor por Beatriz, também para Fulvio a mulher amada se torna “*la Donna mia*” em “Praça Marechal Deodoro”, “1943” e “Bendita sede”. Aqui e ali, podem ser pinçados alguns termos caros ao poeta romântico Giacomo Leopardi, como *donzelletta* ou *opra*, enquanto na composição dedicada à mãe ecoam o tema da ave, que, com desvelo materno, está preocupada com seu filho, imortalizado no célebre poema “X agosto”, de Pascoli, e a poesia homônima (“A mia madre”), de seu contemporâneo Edmondo De Amicis. Fulvio Pennacchi não foi um poeta no sentido pleno da palavra, mas, nas composições que escreveu, inspirado no patrimônio literário italiano consagrado pelo ensino oficial, tentou externar com extrema sinceridade e, às vezes, com excessiva comoção, seu mundo interior.

Ler suas poesias significa reencontrar as mesmas emoções registradas em seu diário, quando não vários dos temas recorrentes em sua obra pictórica: a religiosidade, vivida intensamente; a família, centrada na figura materna (antes, sua mãe; depois, sua esposa), que muitas vezes se (con)funde com a de Nossa Senhora; a dor da separação; a lembrança constante e idealizada da paisagem do solo pátrio; a labuta árdua e constante; o valor da amizade; o amor pela pintura, mesmo naqueles momentos em que o artista luta para trazer à luz uma nova composição, como expresso em “Vida de pintor”. Significa, ainda, entender o desenho mental de uma vida vivida sob o signo de uma nostalgia avassaladora, mas não inibidora, que lhe permitiu, embora sem entregar-se plenamente à terra estrangeira, integrar-se na cultura brasileira, deixando nela a marca de sua contribuição.

FULVIO PENNACCHI / DIÁRIO

Parto de Gênova no dia 14 de junho de 1929.

1º dia de vida no Brasil

5 de julho de 1929, sexta-feira

Desembarco em Santos, são oito horas, procuro apreensivo na multidão meus amigos e não os vejo, desço e espero; depois de quase trinta minutos chegam, trocamos uma saudação fraterna e começo a viver nessa terra. Santos me parece uma cidade que só

entende de comércio, casas baixas e pequenas, prédios sem estilo e sem um bom padrão estético. Vamos almoçar no Guarujá, cruzando o canal de Santos e ainda alguns quilômetros de terrenos baixos e pantanosos com plantações de bananeiras. À noite, em S. Paulo (19 horas - Pensão Baião - José de Barros, 30).

6 de julho, sábado

Vejo São Paulo, e estou confuso e decepcionado, impressão talvez até injusta, mas por ora aparente. É uma cidade barulhenta, cheia de vida comercial. Nada mais. Mario é tão bom comigo, me ajuda e me encoraja, me consegue uma recomendação para uma firma da parte do diretor do jornal republicano *Il Risorgimento*, uma grande firma de construção. Encontro, à tardinha, Gazzanelli, de Conignano.

7 de julho, domingo

Hoje fiquei mais tranqüilo. Aquela bendita saudade me deixou um pouco, porém sinto que a preocupação pelo futuro ainda me corrói e não estou à vontade nessa vida demasiado movimentada e superficial. Hoje estive com Pia, Assunta e Amedeo, comi na casa deles na companhia de Mario e Marino e realmente fiquei mais tranqüilo, me senti mais perto de minha casa, de meus entes queridos. Foram todos muito cordiais comigo, exceto o vulgaríssimo Trombetti, um bolonhês que me acolheu com evocações de fatos políticos passados e inoportunos. Escrevi para casa e para Beppe, e para os amigos.

8 de julho, segunda-feira

Dia bem insignificante. Sinto-me aturdido e estou preocupado, conheci melhor o centro da cidade, encontrei um companheiro de armas, Silvio Borella, procuro captar as palavras dessa língua e balbuciar algumas delas, mas a memória não me ajuda de modo nenhum. Mario se ocupou muito comigo hoje também, e talvez consiga algo na mais importante construtora daqui, a Severo e Villares.

9 de julho, terça-feira

Encontro, em São Paulo, o Dr. Fedele Pennacchi, um queridíssimo amigo, passo várias horas na companhia dele e, à noite, Mario oferece a todos nós um jantar na pensão de meu conterrâneo Angelini. Passamos uma noitada alegre. Vou ver os trabalhos de Dino.

10 de julho, quarta-feira

Escrevo para Giannotti, Bertoni, Perrelle. Passo o dia vagando muito, um pouco com Fedele e com Mario. Observo São Paulo mais atentamente e começo a me tranquilizar.

11 de julho, quinta-feira

Continua a vida de sempre. Umas voltas, alguns pensamentos preocupantes, uma boa dose de saudade, algumas horas de estudo. Ocupo-me, guiado por Mario, de obter uma vaga na construtora Severo e Villares, o que depende do decorador-chefe Sparapane. Fedele partiu para Jacutinga. Escrevi para Renato e Amália.

12 de julho, sexta-feira

Passo a manhã com Mario. À tarde, sou apresentado ao bacharel Orlandi, o qual, por sua vez, me apresenta aos irmãos Sparapane, filhos do decorador, e ao escultor Emendabili. Converso longamente com o escultor e, à noite, sou apresentado, sempre pelo bom Dr. Petraccone, ao engenheiro Polacco.

13 de julho, sábado

Levanto mais cedo do que de costume e vou ao Edifício Martinelli para encontrar o Prof. Sante Bullo, decorador. Vou da parte do engenheiro Polacco, entro e, para achá-lo, dou voltas e mais voltas, mascando duas palavras em português e vinte em italiano; por fim, o encontro e peço um emprego. Promete-me pequenos serviços, esclarecendo-me bem sobre a situação artística em São Paulo.

14 de julho, domingo

Hoje a alma se recolhe e se encontra próxima de todo o passado. Um desejo febril e nostálgico toma conta de mim. Revivo no espírito a festa de minha aldeia e me resigno à vida do jeito que vier. Ao meio-dia, como na pensão de Angelini com Mario, e com ele termino meu dia. Mario me ajuda em tudo, me põe para cima mesmo. Dino e Marino também são bons irmãos que substituem minha família aqui, neste novo mundo.

15 de julho, segunda-feira

Hoje estive na casa de Amedeo Gazzanelli e, como da primeira visita, fui coberto de cortesias e gentilezas. Depois, fomos na casa dos Cafalli, e cumprimentei Dona Serena e

Gloria; à tarde, vi Ettore e visitei Capobianco. Fui apresentado ao engenheiro Chiappori, sujeito bom e gentil.

16 de julho, terça-feira

Vaguei por aí. Combinei com Sante Bullo fazer um pequeno friso num sobradinho das Perdizes. Foram-me entregues cartas de recomendação para jornalistas. Mario me leva para comer com ele; combino o preço do quarto com Angelucci. O Dr. Severo me recomenda a Sparapane, o qual diz que, por enquanto, não há trabalho. O engenheiro Chiappori me apresenta a seu decorador-chefe e me oferece trabalho, mas trabalho normal. Escrevo para casa e para Beppe.

17 de julho, quarta-feira

Recebo carta de Beppe. Escrevo para tio Alberto e para a professora Vangelisti. Mudo de casa e começo. A nova pensão. Executo o desenho do friso a ser feito no sobradinho Ciampolini. É a primeira noite em que durmo na casa de Angelini, Rua Santo Antônio nº..., tel. 2-4800.

18 de julho, quinta-feira

Trabalho no supracitado sobradinho, fazendo um friso de frutas a óleo. O engenheiro é um tolo. O irmão do engenheiro, e dono da casa, é um bom rapaz. O decorador-chefe, um português, é uma pessoa boníssima e gentil. À noite, me apresento no jornal *Correio Paulistano* e não consigo nada.

19 de julho, sexta-feira

Trabalho ainda e estou satisfeito com o meu jeito de ser, e com a minha pintura. Escrevo para Ilario Cafalli.

20 de julho, sábado

Continuo trabalhando. O Prof. Bullo gosta do meu jeito, mas não aprecia o preto para o contorno e quer uma cor que combine mais. Recebo uma nova carta de meu irmão Beppe. Mario começa a me fazer realizar provas de gravação em mármore.

21 de julho, domingo

Fui à missa na igreja de São Bento: a igreja é decorosa e muito séria. Visitei o Museu Nacional, no Ipiranga, e vi o Monumento à Independência do Brasil. No museu, há uma rica coleção de animais, plantas, pedras, objetos indígenas e alguns quadros de pouquíssimo valor artístico. O Monumento, de autoria de Ximenes, é imponente e clássico, mas desprovido de expressão interior e de animação.

22 de julho, segunda-feira

23 de julho, terça-feira

24 de julho, quarta-feira

Dias de trabalho errante, de mal-estar físico e, sobretudo, moral. Hoje, quarta-feira, termino o friso (seis dias de trabalho, 150 mil réis). Procuro outro trabalho, mas não consigo. Tenho a idéia de fazer almofadas pintadas. Meus companheiros de trabalho nas Perdizes são ótimos sujeitos, o chefe Lopes, um português bom e cavalheiro. Na pensão, estou com Mario Plantoni e Giacinto Perrone, este muito espirituoso e um ótimo tipo de “camarada”, bebedor de vinho... batizado e de canecas de cerveja alemã, opositor irrequieto e obstinado, antifascista nato.

25 de julho, quinta-feira

26 de julho, sexta-feira

Recebo 135 mil réis em vez dos 150 pelo friso das Perdizes e sou obrigado a ter com Bullo uma longa e acalorada discussão sobre o preço. Recebo humilhações que não me humilham de modo algum. Procuro Salfati, me atende com certa indiferença e, no momento, não tem trabalho.

26 de julho, sexta-feira

Executo uma almofada pintada a óleo, que é muito apreciada pelos meus amigos. Vou ao Canindé e, não encontrando a parente de Rosa Lemmi, mando a carta pelo correio em vez de entregá-la em mãos como havia prometido. Tenho pensamentos antibrasileiros. Stop (Travessa Araguaia, 18 - Rosa).

27 de julho, sábado

Escrevo a Del Debbio, pedindo para vê-lo, mando pelo correio a carta para a parenta de Rosa no Canindé. De manhã, não arranjo nada; à tarde, sou apresentado pelo bom amigo

Petraccone a um redator do *Fanfulla*, Rivelli, o qual me acompanha até Pettinati para que eu obtenha trabalho como reclamista. De fato, tenho expectativas probabilíssimas de trabalho; Rivelli também me apresenta ao maestro de Lucca, Menesini.

28 de julho, domingo

Hoje fiquei o dia inteiro com meus conterrâneos Gazzanelli e Dini. Tive uma acolhida verdadeiramente familiar e gozei de toda a felicidade da família, única felicidade no mundo.

29 de julho, segunda-feira

Não arranjei quase nada, procurei La Motta, com Mario, e tive promessas de trabalho. À noite procuro Pettinati e não o encontro.

30 de julho, terça-feira

Procuro Pettinati, diz para voltar daí a alguns dias; volto a procurar Salfati, me acolhe bem e me garante trabalho no futuro; o Sr. Funaro, de Livorno, me apresenta a um empresário de decorações da Rua Vitória, um homem muito bom. Procuro Del Debbio, me pede que modele e desenhe para um concurso para o monumento a Ramos de Azevedo.

31 de julho, quarta-feira

Vou à oficina de Del Debbio e lá trabalho o dia inteiro. Escrevo para casa, a Silvio Fontana, a Maria e Ilario Marconi.

[Há uma observação marginal relativa aos três últimos destinatários: *Non giunte*. Provavelmente, refere-se à cartas que não chegaram.]

1º de agosto, quinta-feira

Trabalho o dia inteiro na oficina de Del Debbio.

2 de agosto, sexta-feira

Idem.

3 de agosto, sábado

Idem.

4 de agosto, domingo

Trabalho até meio-dia. Vou à missa. Depois fico com Mario e com Dino.

5 de agosto, segunda-feira

Trabalho ainda na oficina de Del Debbio. Escrevo para Beppe.

6 de agosto, terça-feira

Trabalho ainda na oficina de Del Debbio

7 de agosto, quarta-feira

Trabalho na oficina de Del Debbio. Dia de lembranças, de saudade ardente. A festa de minha aldeia... Gravo no mármore, escrevo Itália [...].

8 de agosto, quinta-feira

Continuo o mesmo trabalho

9 de agosto, sexta-feira

Ainda o trabalho de sempre (perspectiva).

10 de agosto, sábado

Ainda o mesmo trabalho. Não estou satisfeito. Vou com Dino, José e Mario passear por lugares não muito simpáticos ao meu caráter. Escrevo para Mamãe.

11 de agosto, domingo

Passo o dia todo com Gazzanelli e sou muito grato a ele e à sua família pela bondade e gentileza que tiveram para comigo. Um certo meu mau conterrâneo, Luigino Cofalli, me dá um carão por causa de negócios não definidos com meu irmão, o que realmente encheu meu sa... co. Voltaremos a falar disso! Faço questão de dizer que é um dos homens mais malcriados que eu conheço.

12 de agosto, segunda-feira

13 de agosto, terça-feira

14 de agosto, quarta-feira

Continuo o mesmo trabalho, retomando, desde o início, a perspectiva do monumento.

Não recebo correspondência de casa!

15 de agosto, quinta-feira

Santa Maria

[Nossa Senhora da Assunção]

Dia de festa soleníssima, que passei trabalhando. Sinto-me fraco, abatido. Não tenho iniciativa nem boa vontade. Sinto um mal-estar geral que me atormenta. Finalmente recebo notícias de minha querida Mãe e dos meus, e sinto ainda mais a distância; Beppe também me escreveu.

16 de agosto, sexta-feira

São Roque

Trabalho o dia inteiro enquanto sinto o desejo de participar dessa festa tão respeitada por mim nos outros anos.

17 de agosto, sábado

Continuo o mesmo trabalho.

18 de agosto, domingo

De manhã, passeio, vou à missa. À tarde, fico com Dino e com Mario. À noite, escuto a música do encouraçado italiano *Trento* e gozo das demonstrações de entusiasmo da multidão aos marinheiros.

19 de agosto, segunda-feira

Estou ainda na oficina do amigo Antelo Del Debbio. Trabalho e recebo, por conta, 100 mil réis, 20 já os tinha recebido para comprar papel. No total, já gastei 17.500 em papel.

20 de agosto, terça-feira

21 de agosto, quarta-feira

Aquisição de papel por 12 mil réis. Com os anteriores, gasto 29.500. Trabalho, durante dois dias, sempre na oficina de Del Debbio. No dia 21, à tardinha, encontro Fedele e passo a noite na companhia dele. Escrevo, para casa, a quinta carta.

21 de agosto, quarta-feira

O mesmo trabalho. À noite, como com Fedele e Marino, que voltou do interior; encontro o filho de Morosca, de Campori, e passamos a noite nos fazendo companhia. Resolvo ir para Pinhal com Fedele, Perrone e o brasileiro Ferraz.

22 de agosto, quinta-feira

23 de agosto, sexta-feira

Ainda na oficina de Del Debbio. Nada de anormal.

24 de agosto, sábado

Parto para Espírito Santo do Pinhal com Perrone e Fedele. Tive uma impressão pouco reconfortante do interior. Aquela cadeia constante de morros, uniformes, e áridas árvores escuras, casebres espalhados naqueles espaços sem fim, no meio de uma miséria de vegetação e de vida fizeram passar pela minha alma uma longa tristeza. Comemos em Campinas, depois passamos por Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, lugares que me metiam medo. Não sei porque. Decerto, me sinto muito longe deles, por hábito de raça. Às seis, estamos em Espírito Santo e posso abraçar com prazer meu irmão, gordo e corado. Pobre Beppe, ele também não consegue encontrar um caminho mais fácil e toca o barco sem resultados. Depois de ter prometido a Fedele e Perrone de ir procurá-los no dia seguinte em Jacutinga, dou uma volta com meu irmão e observo, com uma gastura dentro de mim, o lugar e os homens. É gente boa, mas eu não sei corresponder condignamente à sua hospitalidade, por causa do pouco conhecimento da língua e dos sofrimentos internos. À noite, posso admirar com prazer muitas garotas simpáticas que passeiam, por um jardim, em sentido contrário ao dos homens e procuram apaixonar-se com o olhar. Há algumas interessantes. Mas eu não busco nem riquezas nem esposa, e apenas me divirto a olhar porque elas merecem.

25 de agosto, domingo

É domingo, manhã indiferente, fico perto de meu irmão e me diverte vê-lo tão tranqüilo, absorvido em seu trabalho, brincando, a intervalos, com os turcos e os negros do lugar. À tarde, dou uma volta com Michele Fioriti e visitamos o lugarejo. Minha linda Garfagnana! Aqui só há tristeza. Meu irmão, porém, está tranqüilo e se adapta bem à vida, está feliz e bem satisfeito, [pessoas como ele] se contentam com pouco. Não vou a Jacutinga e fico observando tudo no lugarejo. À noite, observo de novo o passeio das garotas bonitas e me sinto quase atraído por uma filha de italianos, linda e loira. Mas minha paixão permanece com todas as outras no coração ainda transbordante de tristeza. Às onze, vou dormir.

26 de agosto, segunda-feira

Acordam-me às cinco e meia, espero receoso meu irmão para despedir-me, mas ele não vem, o que me causa um enorme desgosto, e forçosamente parto. Estou extremamente desolado e penso em minha mãe, nos meus, e olho o sol que nasce, aquela triste paisagem, cheio de desalento e de medo. Oh, minha bela pátria! Viagem vagarosa, desde as seis da manhã, chego às 13:40 em São Paulo. Escrevo às Pianaccine e a Checca. Recebo correspondência de Amalia, Renato e da professora Mognano.

27 de agosto, terça-feira

Trabalho na oficina de Del Debbio. Tédio, tristeza e dores físicas. Não estou convencido de não ter uma doença perigosa.

28 - 29 - 30 - 31 de agosto

Trabalho ainda na oficina de Antelo, ultimando os desenhos. Escrevo para casa, a sexta carta, e para Amalia. Recebo correspondência de casa e de Giorgio Vangelisti.

1º de setembro, domingo

2 de setembro, segunda-feira

No domingo, trabalho gravando o tinteiro a ser doado a Ataliba Leonel. De dia, visito Gazzanelli e me inteiro, com pesar, que Pia quer ir para a Itália. Na segunda-feira, vou de novo à oficina de Del Debbio, trabalho e recebo 409 mil réis - já tinha recebido 120, chego a ganhar 529, Antelo ainda me deve 35 mil réis pelo papel. Entrego duas

almofadas à mãe de Antelo, que não me são pagas. Visito a exposição das maquetes para o concurso para [Ramos] de Azevedo e me sinto reconfortado ao ver um monte de porcarias. Estou convencido de que Antelo vá ganhar; sem dúvida, é muito superior àquele bando de viciosos profissionais de meia-tigela.

3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 de setembro

Nesses dias, não recebo correspondência, apenas uma carta de meu irmão Beppe. Nos dias 4 e 5 trabalho na oficina de Del Debbio. Nos dias seguintes, executo duas paisagens a bico-de-pena, que são muito apreciadas. Vanni, diretor do *Mondo Lucchese*, se encarrega de vendê-las e estipulo 350 mil réis. Del Debbio me dá 100 mil réis por conta do que me deve: ainda faltam 23, mais os das duas almofadas. No dia dez, executo uma almofada para o Sr. José Berrini. Escrevo uma carta ao amigo Vangelisti.

11 de setembro, quarta-feira

Trabalho na almofada, executo desenho a bico-de-pena. Nada de novo.

12, 13, 14, 15 de setembro

Os dias passam, o cansaço aumenta, mas sinto uma melhora física. Executo duas almofadas e dou uma de presente ao Diretor (engenheiro Venturi) e uma ao Secretário (Berrini) da Sociedade Imóveis e Construções, para conseguir trabalho decorativo. Escrevo para Mamãe, a sétima [carta], e para Cavani, a primeira. Hoje, dia 15, domingo, recebo correspondência de Mamãe e de Ilario Cafalli.

16, 17, 18, 19 de setembro

Continuo a desenhar a bico-de-pena, porém estou pouco tranqüilo (e nada certo) de que esse trabalho vá me render algo. Fedele voltou. Procuo meu futuro sócio e falamos de trabalho e de coisas eventuais. Salfati me promete trabalho para daqui a um mês. Visito a exposição da pintora (dizem)... Tarsila do Amaral!... genuínas seriam as coisas que ela faz, a pior pintura inconsciente e falsa que já vi.

20, 21, 22, 23 de setembro

Continuo o mesmo trabalho (desenhos a bico-de-pena), porém estou cansado e sem vontade, além disso, não tenho certeza dos ganhos. No domingo, dia 22, estive com

Gazzanelli: recebi todas as gentilezas e cortesias de sempre e não sei e não posso retribuí-las. Hoje, dia 23, escrevo para Beppe.

24 de setembro, terça-feira

25 de setembro, quarta-feira

Trabalho ainda, com ar cansado e vago... sem conforto e sem o mínimo necessário... faço o que posso fechado nesse buraco de quarto, esperando que as coisas melhorem: se melhorarem! Escrevi para casa, a oitava carta, e para o amigo Giannotti, que ainda não se lembrou de mim... e vou levando... esperando... o quê?

26 de setembro, quinta-feira

Vou a Santana, na casa da família Remedi, executar uma paisagem a óleo na parede, me tratam com gentileza e volto para casa satisfeito. Desenho ainda a bico-de-pena. Recebo carta de Delmo.

27, 28, 29, 30 de setembro

Vida do mesmo jeito, muita preguiça causada pela total falta de confiança na venda dos trabalhos. Não quero mais tratar com os Remedi, não pagam e por cima fazem fofoca por um trabalho de nada. Estou à espera de notícias que não chegam. No domingo, estive com Marino na casa de Gazzanelli, que nos reteve para o jantar.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 de outubro

Nenhuma novidade, as coisas vão como sempre, se trabalha e também não se faz nada! Depende do dia. Nada de correspondência, meu irmão me escreve quatro palavras numa carta para Fedele. Estou aborrecido e cansado. No dia cinco, escrevo para Adelindo, Eugenio, Tomei e, no dia 6, à Sr^a Marianna Andreucci.

9, 10, 11, 12, 13 de outubro

Novidade, neca! Trabalho, neca! Faço alguma coisa por iniciativa própria, mas sem ânimo e também de má vontade por demasiados motivos. Mario me empresta 50 mil réis. Del Debbio não me paga o restante do que me devia. Venditti espera me conseguir trabalho dentro de alguns dias. Hoje, domingo, fui visitar Gazzanelli com Mario e Fedele

e, como sempre, uma boa e... sincera acolhida. Recebo correspondência de casa, em resposta à minha quinta carta; foi escrita por Olga. Também Dario Mariani me responde.

14, 15, 16, 17, 18, 19 de outubro

Escrevo a décima carta para casa. Trabalho, executando estudos decorativos para trabalhos comerciais. Dia 17, recebo outra carta de casa. Com Venditti, faço o orçamento para a decoração de uma casa da Imóveis e Construções. Mario me propõe fazer um pergaminho para oferecer uma medalha a Júlio Prestes. Escrevo para Zanoni.

20 de outubro, domingo

21 de outubro, segunda-feira

22 de outubro, terça-feira

O prezado...! diretor da Sociedade Imóveis e Construções, Venturi, me faz a agradável gentileza de oferecer o trabalho de decoração logo ao tal Matteo, que, segundo ele, não valia nada. Minhas amostras de moldes não foram apreciadas pelos comerciantes.

Trabalho num pergaminho para Júlio Prestes (Presidente da República). Escrevo à professora Vangelisti, a Gori, a Beppe, e para Mamãe, a décima primeira carta, datada em 26.

23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de outubro

Dias quase todos de pouquíssimo trabalho e plúmbea melancolia. As horas se alternaram com o pranto. Trabalhei, executando um pergaminho destinado a Júlio Prestes, futuro Presidente da República. Ficaram muito satisfeitos com meu trabalho... e Mario mais do que ninguém. Recebo uma carta nobre e bondosa do amigo pintor Tomei. Escrevo a Tomei, a Delmo, a Avanzinelli e para a tia Edvige.

1º de novembro, sexta-feira

2 de novembro, sábado

3 de novembro, domingo

Três dias de festa e de tristes lembranças. Parece que eu também morri... Estou vivendo mecanicamente em meio à dor e às lágrimas. Não vejo nada que me leve a esperar pelo

melhor. Só relembro o passado, e mais esses dias tristes de comemoração de nossos pobres finados. Meu irmão não escreve e estou sem trabalho e sem sossego.

4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 de novembro

Dias parecidos aos outros. Crise econômica e espiritual. No dia 6, vou com Fioravanti, ótimo marmorista e bom rapaz, até o padre do Belém (Brás) e tiro as medidas para fazer um projeto para uma capela. Procuo trabalho com um tal de Romano Cigolani, assistente de uma construtora, e hoje, dia 12, estou sem resposta. No dia 11, recebo da Del Debbio um cartão que me faz perder muito da estima que tinha por ele. Hoje, dia 12, estive em Pinheiros com o marmorista Tortola, mas não arranjei nada com os padres que iam me encomendar um trabalho decorativo. Dentro de alguns dias, deverei voltar lá. Nos dias passados, realizei exercícios de cartazes publicitários, com o objetivo de encontrar trabalho junto ao decorador Martinelli. Hoje, dia 12, La Motta me entrega (depois de muito tempo) duas cartas de recomendação para outros construtores. Perrone deixou a pensão. Há três ou quatro dias, estou fazendo projetos para a capela do Belém. Recebo correspondência da professora Vangelisti, de minha Mãe e um cartão-postal de Alderico Masini (no dia 7). Pelo *Conte Rosso*, envio carta à minha Mãe, a décima segunda, e escrevo carta a Sisto Dini e aos tios de Arciano. No dia 10, escrevo para Beppe.

13, 14, 15, 16, 17 de novembro

Dias inconcludentes, por mais que procure, não consigo encontrar nem o mais humilde dos trabalhos. Mario também está muito preocupado com as despesas e a pouca certeza do êxito da medalha. Romano Cigolani faz muito por mim, mas o decorador-chefe, por enquanto já fechou todos os contratos. Hoje, dia 17, domingo, procuro Mecozzi e só encontro a esposa, que me recebe gentilmente; no momento, porém, ele está em Santos para um trabalho de um mês; em São Paulo, não tem trabalho. Perrone voltou, provisoriamente, ele diz, para a cantina (dia 15). No dia 16, recebo uma boa carta de Eugenio Salvi. Meu irmão permanece mudo, não consigo entender seu comportamento. Não responderam às minhas cartas Maria Fontana, Italia, Amalia, Cavani, Checchina, as Pianaccine, Armando, Giuseppe Porelle. Escrevo um cartão-postal a Alderico Masini.

18, 19, 20, 21 de novembro

Dias de espantosa melancolia, pranto, pensamentos, dor. Não faço quase nada. Na quarta-feira, escrevo uma carta registrada a meu irmão, estou muito preocupado com ele. Na segunda-feira, Cigolani me apresenta ao decorador Russo, o qual me promete trabalho. Na terça-feira, tenho um pequeno incidente com Mario, causado pela minha melancolia. Dino quer procurar trabalho para mim. Vi Del Debbio, que preparou algumas maquetes para o Monumento a Campos Salles. Na quarta-feira, à noite, recebo carta de Beppe, de Adelindo, das Pianaccine, de Tomei. Beppe está muito desanimado e eu desanimo ainda mais. Estive no Belém e meu projeto foi muito apreciado, a ponto de o padre me pedir o projeto da antecapela. Fioravanti foi bem prestativo e me ajudou. Hoje, quinta-feira, escrevo carta a meu irmão, encorajando-o. Vou ao Belém, para pegar as medidas.

22, 23, 24, 25, 26 de novembro

Estamos na mesma, nada de correio. Trabalho, fazendo o projeto para a igreja do Belém. Não estou nada bem, uma inflamação da garganta me deixa extremamente preocupado, a ponto de estar convencido de ter alguma doença quase incurável. Mario me acompanha (na segunda-feira) ao Dr. Fioravanti, nosso conterrâneo, bom e gentil. Ele diz que é uma angina, causada por uma irritação intestinal; eu, porém, sofri muito, agora me sinto tranqüilo. O tratamento me fez bem. Escrevo a décima terceira carta a minha Mãe, um bilhete ao tio Adolfo, a Gigi Bruna, uma carta para Rosalia Caterina. Vou à casa de Gazzanelli (na sexta-feira), mas não me demoro muito. Faço um trabalho de mentira: medalhas de gesso.

27 de novembro, quarta-feira

Envio cartas à minha mãe. Um cartão-postal para Masini. Carta para Caterina Rosalia e para Dom Abramo. Procuo Venditti para saber dos preços da decoração: a pintura à mão, se for alternada com tecido e frisos, sai, por m², de 35 para cima; se for só pintura de frisos, painéis etc., no mínimo é 50 por m²; se for a tempera, a óleo, sobe ao menos de 10 mil réis por m²; os pequenos frisos feitos com moldes, de várias cores, ou mesmo feitos comercialmente à mão, custam de 5 a 10 mil réis por m²; os tecidos estampados a tempera, 7 ou 8 por m²; aqueles a óleo, 17 ou 18; pintura a tempera em parede lisa, 800 réis por m²; a óleo 6 mil réis e 15 a esmalte. Vou ao Belém, deixo os desenhos, mas não encontro o vigário. Fioravanti mudou de casa, mora na Mooca, à Rua Javari, 46d.

28, 29, 30 de novembro - 1º de dezembro

Quatro dias de inconclusão absoluta. Chego até a causar nojo. Na quinta-feira, fui ao Belém e o padre me pareceu bem satisfeito também com o preço. Mario e Papini se encarregaram de vender alguns dos meus desenhos a bico-de-pena, acredito que tenham vendido dois (os primeiros) a um tal Belli, de Ancona. A garganta melhorou e Fioravanti (o doutor) não quer nada como pagamento. Hoje de manhã, estive com Dino no Jardim Paulista para ver as indecentes porcarias que Matteo Chiarati fez no sobradinho que eu esperava decorar. Os dias passam, mas a melancolia cresce, as esperanças se vão e as lágrimas freqüentemente vêm me dar um pequeno alívio que só dura alguns instantes. Escrevo carta a Amalia, a Eugenio, a Tomei. Trabalho, na quinta-feira, por volta de quatro horas na oficina de Del Debbio.

2 de dezembro, segunda-feira

3 de dezembro, terça-feira

De mal a pior, nem uma satisfação moral, os desenhos a bico-de-pena, quase já vendidos, me são devolvidos, depois de terem passado pelas mãos de muitos conterrâneos de Lucca aqui em São Paulo. Trabalho, quase nenhum; além disso, estou chateado até não poder mais. Escrevo uma carta ao meu querido professor, o pintor Pio Semeghini, de Veneza. Hoje, vou à oficina de Del Debbio. Perrone, desde 24 ou 25 de novembro, tinha sumido. Soubemos, depois, que estava preso por causa de um desfalque na casa do Prof. Orlandi, que já o tinha ajudado com quatro contos, e dá mais três para tirá-lo de lá. Mario também fez de tudo para tentar soltá-lo.

4 de dezembro, quarta-feira

Escrevo a décima quarta carta a minha Mãe, um bilhete para Pacifico e outro para Emilio, e um cartão-postal a Ovidio Santini. Mario e Papini, depois de terem rodado pelos quatro cantos, para vender ao menos um dos meus quadrinhos feitos a bico-de-pena, conseguem vender um daqueles pequenos de São Paulo (Santa Efigênia) por 30 mil réis; tiradas as despesas, acabo recebendo a quantia de 5 mil réis, ...quanta coragem e com que prazer se trabalha! Quanta humilhação.

5 de dezembro, quinta-feira

6 de dezembro, sexta-feira

Trabalho o dia todo, fazendo um pergaminho para Landolfo Monteiro e Mario o avalia em 50 mil réis. Antes, porém, deve ser visto e pago pelo centro republicano A. Lionel.

Recebo correspondência de minha Mãe, de Zanoni. Hoje, dia 6, trabalhei dez horas na oficina de Del Debbio... quanta felicidade... que Deus a guarde para nós!

7, 8, 9, 10, 11 de dezembro

Trabalho na oficina de Antelo, no dia 8, domingo. Na segunda-feira, trabalho; na terça-feira, também; e assim na quarta-feira. Trabalho que não satisfaz e melancolia desesperadora, pensamentos para meu irmão e para casa me fazem passar dias infernais. Meu irmão me escreveu hoje uma carta insignificante.

12, 13, 14, 15 de dezembro

Trabalho ainda na oficina de Antelo, mas estou tão preocupado e cansado que tenho a impressão de ser um homem acabado. A situação se torna cada vez mais preta e não sei mesmo o que pensar. No dia 12, quinta-feira, escrevo para meu irmão e hoje (dia 15, domingo) escrevo a uma senhora que fez comigo a viagem para a Argentina, Eugenia Gasparini, perguntando sobre a situação na Argentina.

16 de dezembro, segunda-feira

17 de dezembro, terça-feira

18 de dezembro, quarta-feira

Trabalho como sempre na oficina de Del Debbio. Hoje, quarta-feira, escrevo carta, a décima quinta, para minha Mãe.

19, 20, 21, 22, 23 de dezembro

Trabalho na oficina de Del Debbio até dia 22, inclusive, completando ao todo 15 dias e peço 400 mil réis, porém, por enquanto, não recebo um tostão. Hoje, dia 23, Beppe me escreve e fico impressionado ao saber que deverá ser internado no hospital. Torno a escrever a Beppe, pedindo esclarecimentos. Quantas lágrimas e que belas festas me preparo para passar! Recebo carta de Giovanni Gori.

24 de dezembro, terça-feira

25 de dezembro, quarta-feira

Passo a véspera de Natal como os outros dias. De manhã, vou à casa de Gazzanelli, mas só encontro sua esposa, a quem falo de meu irmão. Durante o dia, fico com Mario; à noite, dou uma volta com Del Debbio, buscando nele um alívio, ao falar de nossas situações cheias de escuridão, e penso nas vésperas de Natal e meu coração explode. Natal, até a missa, um pouco, é acompanhada com distração. No almoço, fico com Marino, Mario e um tal de Lucca, Ginesi. Angelini nos trata muito bem; durante o dia, procuro Del Debbio e assim passo essa data como um homem mecânico, guiado apenas por uma força estranha; à noite, não vejo nem Mario, nem Dino, nem Marino, e minha janta é um café preto na casa de Mazzolino. Passo o resto da noite com Del Debbio, desanimado, abatido e cansado. Na véspera de Natal escrevo a Maria e a meu irmão (carta do dia 23) e Marino paga pelos meus selos porque estou completamente liso. À noite, Antelo me dá mil réis.

26 de dezembro, quinta-feira

Procuro Emendabili às sete da manhã, em busca de trabalho, e ele me diz que falará com Mecozzi, mostrou-se bom e atencioso; em seguida, vou ao Brás, na casa de Fioravanti, mas não o encontro, nem o encontro durante o dia; às 15, procuro o amigo Antelo para tratar da execução de outro desenho colorido de uma de suas pequenas maquetes para Campos Salles; às 18, volto a procurar Emendabili e anuncio que Mecozzi não tem trabalho algum. Depois do jantar, vou de novo à casa de Fioravanti e fico muito satisfeito por ele me tratar tão fraternamente.

27 de dezembro, sexta-feira

Trabalho na oficina de Antelo, cansado e desanimado. Estou mal até fisicamente. Tudo vai mal; Mario também, pelo que eu e Antelo julgamos, deve estar em condições realmente preocupantes, a ponto de adotar um comportamento insólito. Dino procura não me ver, não fala comigo, nem responde quando o cumprimento. Durante essas festas, embora soubessem de minhas condições, nem Dino nem Marino me perguntam se preciso de um trocado, mas vêem que há dois meses não corto o cabelo e os sapatos começam bocejar de fome, e, no entanto, gastam e se divertem. Viva a amizade! E assim passam os dias e me sinto cada vez mais incomodado por um desgaste que me tira a última migalha de energia e as últimas esperanças. Nada de correspondência. Nesses

dias, só tenho o dinheiro para o bonde, que Antelo me dá a cada dia... e assim eu também vou fazendo um pouco de América.

28, 29, 30, 31 de dezembro

Recebo correspondência de Beppe e de Mamãe. Trabalho na oficina de Antelo; à noite, ele me dá dez mil réis, com os quais corto o cabelo e compro tintas para aquarelas. No domingo, vou à casa de meu bom amigo Fioravanti, e como com ele; porém, o encontro em condições familiares preocupantes, e como de um jeito como poucas vezes lembro de ter comido, mas aprecio o bom coração. Na segunda-feira, dia 30, e na terça-feira, dia 31, executo o trabalho de sempre, mas não consigo fazer nada de bom. No dia 31, recebo 200 mil réis de Antelo; recebo carta de Domenico. No dia 29, Fedele volta.

1º de janeiro de 1930, quarta-feira

Estou na casa de Gazzanelli, tenho uma boa acolhida, como bem e me demoro com eles o dia inteiro.

2 de janeiro, quinta-feira

Entrego a Dona Olga 70 mil réis pelo quarto e pela roupa. Recebo carta de tia Edvige e um cartão-postal de Delmo. Trabalho na oficina de Del Debbio, com desânimo por causa do trabalho. Escrevo a meu irmão Beppe.

2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 de janeiro

Recebo carta de Giorgio Avanzinelli, tia Edvige, um cartão-postal de Delmo, carta de Beppe e registrada com atestado do cura de minha mãe; outra carta de Eugenia Gasparini (Argentina). Escrevo uma carta (no dia 5) a minha mãe, a décima sexta, e outra a tio Adolfo (importantíssima). Registradas. No dia 7, vou a Campinas com Del Debbio, de caminhão, e seu trabalho causa ótima impressão, resultando sem comparação o melhor. No dia 8, vou ao Belém e o padre diz que, por enquanto, é impossível fazer a igreja. Hoje, dia 9, escrevo a Adelindo e a minha Mãe, a décima sétima carta.

10, 11, 12, 13, 14 de janeiro

Dias à toa. Não desenho, nem busco ao menos me ocupar com algo, pois me parece quase impossível. Mario cansou das medalhas de Prestes, porque até hoje, depois de três meses de trabalho, não conseguiu realizar nada. Propõe irmos ao interior vender cópias em gesso dourado da medalha de Júlio Prestes, de uma do Duce e uma do Príncipe. Antelo aceita fazê-las. No domingo e na segunda-feira, não faço nada e me entretenho quase o dia inteiro com Fedele, vendo jogar o frontão, um jogo que não conhecia. Na segunda-feira, dia 13, recebo de Antelo mais 120 mil réis. Hoje, terça-feira, vou à sede do Partido Fascista de São Paulo e, apresentando os documentos, solicito minha filiação. Hoje à noite, conheço o Sr. Cimieri que me promete fazer o possível para me conseguir trabalho. Durante este mês, incluindo amanhã, dia 15, comi vinte e duas vezes na pensão de Angelini. Hoje, escrevo para Beppe.

15, 16, 17, 18, 19 de janeiro

Dias à toa, não faço nada, exceto alguns exercícios de desenho. Procuro trabalho com aquele hipócrita de Salfati e obtenho os resultados de sempre. Empresto 15 mil réis a Antelo, portanto, até hoje, recebi ao todo $200 + 120 = 320$ menos $15 = 305$. Encontro um meu querido amigo de vida militar, Elio Gori. Depois vou à casa de seu primo, Amerigo Morganti, ele também um meu bom amigo de vida militar. Passo metade do dia em sua companhia (dia 16) e, à noite, janto com eles. No dia 17, encontro outro amigo da escola, Labronici e fico várias horas na companhia dele. Talvez encontre emprego como jardineiro!... Estou destinado a ser famoso! Eu sabia disso!

20, 21, 22, 23 de janeiro

No dia 19, vou à casa de Elio Gori e de Amerigo, passo um dia muito tranqüilo, desenhando um retrato de seu tio, e janto com eles. Na segunda-feira, torno a visitá-los e vou pintar uma paisagem na Cidade Jardim, sempre na companhia dos dois. Na terça-feira, vamos à Penha; na quarta-feira, procuro Carazza com uma carta de Cimieri, e ele me promete trabalho. Na quinta-feira, vou às Perdizes ver a casa a ser decorada e sou apresentado ao mestre-de-obras por Carazza. Encontro em Carazza um caráter sério e uma bondade pouco comum neste país. Amanhã, dia 24, sexta-feira, começo a trabalhar nas Perdizes.

24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de janeiro

Na sexta-feira e no sábado, trabalho nas Perdizes, bancando praticamente o pintor de paredes. No domingo à tarde, visito o amigo Elio e, na segunda, na terça, na quarta e na quinta, trabalho ainda humilhado e submetido a todas as mais lastimáveis ocupações do ramo. Antelo perdeu o concurso para Campos Salles, anulado (diz o comunicado) por causa de projetos indignos de tamanho gênio. No dia 25, recebo correspondência de Beppe e, no dia 26, respondo. No dia 29, escrevo a décima oitava carta para minha Mãe. Começo a sentir, além do cansaço, um peso, um esmorecimento, estou sem vontade, e não tenho nem mesmo uma boa idéia, tampouco projetos para o futuro. Sinto-me completamente vencido e sem condições de me levantar de novo. Ando esquecido e me convenço de que estou piorando a cada dia, em todos os sentidos, seja artístico, seja cultural. Só Deus pode me ajudar; recebo carta de Dom Abramo.

30, 31 de janeiro - 1, 2, 3, 4, 5 de fevereiro

Trabalho ainda nas Perdizes, completando, em janeiro, sete dias de trabalho. No dia 31, recebo carta de Beppe. No dia 1º, trabalho nas Perdizes. Dia 2 é domingo. No dia 3, trabalho; no dia 4, trabalho. Beppe chega de Pinhal. No dia 5, trabalho e escrevo para Mamãe, a décima nona carta. Comi, na pensão de Angelini, incluindo o dia de hoje, dez vezes, contando as duas refeições de Beppe. Mario e Fedele não vêm mais à casa de Angelini.

6, 7, 8, 9, 10 de fevereiro

Nos dias 6, 7 e 8, trabalho nas Perdizes. No dia 9, domingo, escrevo para Antelo e Giovanni Gori. Do início do mês até agora, incluindo o dia 5, comi na pensão de Angelini oito vezes (porque duas vezes foi meu irmão quem pagou) somando dezesseis refeições. O trabalho continua no mesmo ritmo. Já adquiri uma boa prática para raspar paredes com a lixa de papel e já aprendi a passar a tinta a óleo bem lisa e a tapar buracos. Estou progredindo e, se continuar assim, acabarei por me tornar um ótimo decorador - por que não - neste mês, completei oito dias de trabalho; no outro, sete.

11, 12, 13, 14 de fevereiro

Trabalho, de manhã à noite, nas mesmas condições. Vejo Antelo e volto a me convencer de que, embora às vezes faça pouco caso dos outros e seja aparentemente sovina, ele tem, ao contrário, um bom coração e pondera as coisas com um sentido profundo e

humano. Convenci-me de que armaram uma trama contra nós. Até hoje, dia 14, faço vinte e uma refeições na pensão de Angelini.

15 de fevereiro, sábado

16 de fevereiro, domingo

Vinte e três refeições. No dia 16, domingo, como na casa de Gazzanelli.

17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 de fevereiro

Durante este mês, incluindo o dia de hoje, trabalhei vinte dias, dos quais seis por oito horas e os outros por nove. No dia 22, Pia Dini partiu para a Itália, porque, ao que parece, se desentendia com a irmã, e eu, por seu intermédio, envio uma carta para Mamãe, a vigésima, uma para Zanoni e uma para Armando. No dia 22, recebo carta de Mamãe e do tio Adolfo Emilio. Hoje, dia 23, trabalhei na União dos Refinadores, no Brás, trabalho puxado e bem cansativo, sem descanso nem intervalos. Atualmente estou mais tranqüilo, graças à companhia de meu irmão.

24 de fevereiro, segunda-feira

25 de fevereiro, terça-feira

Continuo a trabalhar pesado no Brás, dez horas ou mais de trabalho; hoje à noite, acabou. A vida, apesar de bem escrava e repleta de privações e de sacrifícios, transcorre com muita tranqüilidade e os dias, embora iguais, se sucedem sem que a gente perceba. Estou bem com meu irmão e isso me deixa feliz. É bom ficar longe daquele núcleo de amigos que me privavam da simplicidade de viver e, embora deles tenha recebido o bem, recebi também o mal, e na presença deles, por divergência de princípios, me sentia sufocar e não dizia uma palavra. Desse modo, mesmo com um pedaço de pão e um copo de leite, sou mais livre e muito mais feliz. Trabalhei, incluindo o dia de hoje, 198 horas por 1,250, ganhando 247,50 mil réis.

26 de fevereiro, quarta-feira

27 de fevereiro, quinta-feira

28 de fevereiro, sexta-feira

No dia 26, trabalhei de novo com Carazza, mas nas Perdizes, somando assim 206 horas de trabalho por 257 mil réis. Nos três dias seguintes, fico à espera de trabalho.

1º, 2, 3, 4 de março

Não faço nada. Eleições políticas federais no Brasil. Calma completa. No dia 2, domingo, Carnaval brasileiro. Vejo o curso na Avenida Paulista. Na segunda-feira, vou à sede do Partido Fascista e consigo carta para o Dr. Fontanella para obter trabalho. Procuo Del Debbio. Hoje, dia 4 (Carnaval), como na casa de Amedeo com meu irmão. Passamos um dia agradável juntos.

5, 6, 7, 8, 9 de março

Não faço nada, só vou por aí à procura de trabalho. Fontanella me paga com um telefonema. Emendabili... faria de tudo... mas não pode obter trabalho para mim... Salfati me consegue trabalho numa construção da Praça Marechal Deodoro, na qualidade de decorador. No dia 5, recebo 100 mil réis por conta do trabalho nas Perdizes. No dia 6, vou com Elio Gori visitar a bela (porcaria da) Pinacoteca do Estado. Não merece descrições. Apreciei muitíssimo as fotografias dos desenhos de Millet, Delacroix e Cézanne. Por esses dias (no dia 10), escrevo a Mamãe, a vigésima primeira carta, a Giorgio Vangelisti (Palazzolo 62), a Adelindo, ao tio Adolfo Emilio. Dou a Angelini 70 mil réis, por conta. Hoje, dia 10, trabalho para Salfati e estou bem satisfeito.

11 de março, terça-feira

12 de março, quarta-feira

13 de março, quinta-feira

Trabalho para Salfati nove horas por dia.

14 de março, sexta-feira

15 de março, sábado

Trabalho ainda para Salfati, sob a responsabilidade direta do arquiteto. Começo a decorar os cômodos por 12 mil réis cada um. No dia 15, dou mais 70 mil réis a Angelini.

16 de março, domingo

Vou à casa de Elio e dou um mergulho no rio Pinheiros. À noite, janto com seus parentes, depois, saio para um giro com Amerigo e Elio.

17, 18, 19, 20, 21, 22 de março

24, 25, 26, 27, 28, 29 de março

Continuo o trabalho de ornamentação e, nesses oito dias, consigo decorar catorze cômodos. Trabalhando, me sinto mais tranqüilo e satisfeito. Trabalho nos dias 24, 25, 26, 27, 28 e 29: termino de decorar.

30 de março, domingo

Encontro Dino, Fedele, Plantoni. Fedele é promovido para o Rio de Janeiro.

31 de março - 1, 2, 3, 4, 5 de abril

Trabalho ainda sob as ordens de Mazzola, ganhando 1,50 por hora. No dia 2, recebo de Salfati 100 mil réis adiantados. Hoje, domingo, encontro Gazzanelli, Del Debbio e janto com Elio. (4 de abril) Escrevo para Mamãe, a vigésima segunda carta, para tia Edvige, para a tia de Asciano, para Oreste (1º de abril).

de 1º a 20 de abril

Do dia um ao dia vinte, trabalho ininterruptamente para Salfati por 12 mil réis ao dia (oito horas). Continuo levando uma vida regular. No dia 12, escrevo uma carta para a professora Vangelisti, para Evelina e para Fernanda. No dia 19 (sábado de aleluia), recebo carta de Mamãe. Passo o dia 20, Páscoa, na casa de Gazzanelli, de quem tenho a costumeira boa acolhida e um ótimo tratamento. A Páscoa passou, com indiferença, agora estou mais tranqüilo. Na sexta-feira santa, estive na casa de Elio para continuar um retrato que não acabei.

21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 de abril

Continuo trabalhando para Salfati e escrevo uma carta para Mamãe, a vigésima terceira (no dia 27), e para Semeghini.

de 27 de abril a 6 de maio

Recebo carta de Delmo. Continuo trabalhando com Mazzola (para Salfati) e hoje, dia 6, passei da Praça Marechal Deodoro para a Aclimação. Hoje, escrevo para Delmo. Del Debbio trabalha ininterruptamente e, a cada dia, cria coisas melhores. Atualmente está se preparando para o segundo concurso para Campos Salles e fez uma maquete sóbria e bonita, muito mais harmoniosa do que todas as outras.

de 6 a 16 de maio

Trabalho ainda com Mazzola, mas da Praça Marechal Deodoro, passo para a Aclimação. Trabalho sem ornamentar: trabalho tedioso e de pouco proveito. Ainda não recebo nada pelo mês de abril e, hoje, Mazzola, fez propostas de pagamento inaceitáveis. No dia 12, recebo carta de Mamãe e, hoje, dia 16, de Oreste Tomei. Hoje, escrevo para Mamãe (a vigésima quarta) e para Domenico Pennacchi.

de 16 a 22 de maio

Situação nada segura, ainda não recebi um tostão. Pedi emprestados 10 mil réis a Buchignani para ir levando. Desse jeito, meu irmão não pode ficar com o açougue. Além disso, no fim do mês, Angelini muda de casa e nós temos de procurar outro cômodo. No domingo, dia 18, escrevi uma carta a Elio Gori.

de 22 de maio a 10 de junho

Situação cada vez pior, porém, meu irmão tem o açougue e dele se tira do que viver. Desde dia 2, estou sem trabalho. O engenheiro me adianta [o pagamento de] o dia 31, 200 mil réis. No dia 1º de junho, Bertino chega da América [do Norte] e fica até hoje conosco, e não encontramos nenhum trabalho. Nos últimos dias do mês, recebo carta do tio Adolfo. No dia 29, mudamos de casa: agora moramos na Rua 13 de Maio, 12A. Não estamos mal. Para comer, combinamos com uma mulata, que nos trata muito bem. Antelo está fazendo outra maquete, e eu executo o projeto para a decoração de uma pequena cúpula que integra seu trabalho. Recebo, no último dia do mês passado, dez números da [revista] *Fiera Letteraria*. Atualmente, estou estudando reclames com poesias. Hoje, dia 10, escrevo ao tio Adolfo. No dia 30 de maio, escrevo a vigésima quinta carta para Mamãe.

de 10 a 16 de junho

Trabalho com Antelo para projetar uma cúpula que faz parte do monumento a Campos Salles. Escrevo para Dino Aspasio e, no dia 15, recebo uma boa resposta. No dia 19, por intermédio de Dona Pina, envio uma carta para minha Mãe, a vigésima sexta.

de 16 a 30 de junho

Último trabalho de Antelo e execução de vários desenhos ilustrativos. No dia 19, vou a Campinas e fico muito satisfeito com o trabalho de Antelo, que, comparado aos outros, é de muito superior. À noite, janto em Juqueri. Escrevo uma carta para Tomei (datada em 20) e outra para Virginia. Nos dias 25, 26 e 27, fico com Antelo em Juqueri, caçando, e me divirto muito. Sou hospedado gentilmente por uma irmã de Antelo e pelo marido, um ótimo doutor brasileiro. No dia 28, recebo, juntas, várias cartas - que tinham sido retidas pelo carteiro - de Mamãe, da professora Vangelisti, de Virginia (dia 27) e um cartão-postal de Nello, que está na Academia de Polícia em Gaeta. Hoje, dia 29, domingo, escrevo para Nello e para Mamãe (a vigésima sétima carta). Salfati não me deu nem mais um tostão. Meu irmão está vendendo o açougue por 500 mil réis e agora não sei para onde iremos. Por volta do dia 16 ou 17, escrevo também uma carta a Aspasio, no Rio Grande do Sul.

de 21 de junho a 10 de julho

Beppe vendeu o açougue por 500 mil réis. Não recebe nada pelo crédito que deixa na praça, nem pelas despesas. Escrevo para Marino Rossi, perguntando se no Rio há trabalho. Não faço nada e não ganho um tostão. Comemos todos juntos no quarto, gastando o menos possível. Beppe resolve ir com Bertino para o Rio Grande do Sul (no dia 6), mas não tendo o suficiente para a viagem, emprego Bertino numa sapataria (no dia 9). Em seguida, eu lhes empresto 30 mil réis e Dino, 25, assim hoje, dia 10, partem com o trem das seis da manhã para Santos. No dia 5, recebo de Salfati 300 mil réis.

de 10 a 18 de julho

Nada de novo. Vou por aí e como o menos que posso. Procuro receber aquele pouco de crédito deixado por Beppe, mas não tem jeito, ninguém paga. Antelo perde mais uma vez o concurso para Campos Salles. A conduta da comissão é ultrajantemente repugnante. Antelo quer ir, a todo custo, para a Itália. No dia 16, escrevo um bilhete a

Beppe. No dia 12, escrevo a vigésima oitava carta a Mamãe. Hoje, dia 18, uma para Virginia, por questões de trabalho, e outra para Marino Rossi no Rio.

de 18 a 30 de julho

Trabalho alguns dias em alguns reclames de péssimo gosto e em péssimas condições, para um amigo de Lucca, Sartini. Executo também dois vasos. No dia 28, na casa de Antelo, começo a decorar vasos grandes e pequenos; receio, porém, que os negócios sejam bem pequenos. Dino parte para a Itália no dia 31, para tratar de um negócio de compra de um aparelho Marelli para centrais elétricas. Escrevo, por intermédio dele, para Mamãe, a vigésima nona, para Olga, Bruno, tio Adolfo, Adelindo, Sisto e Emilio. Recebo resposta de Virginia, carta de Mamãe e uma do caro amigo Pedua, Corso Farini Russi.

de 1º a 18 de agosto

Recebo uma carta gentil do bom Tomei, acompanhada pela revista *Emporium*. Recebo novas nada boas de Beppe. Pela última [carta], recebida no dia 15, parece que não quer ficar no Rio Grande. Barsanti também me escreve uma carta boa e amigável, e outra, Marino Rossi, informando-me sobre a má situação no Rio e a impossibilidade absoluta de qualquer trabalho. No dia 13, Maria P. também me escreve, uma carta que parece escrita por um mediador. Recebo também um bilhete de Adelindo. O negócio dos vasos não promete nadinha. Eu vou levando a vida, comendo freqüentemente na casa de Antelo e, algumas vezes, na de Gazzanelli e ainda na cantina do Largo da Memória. Sartini, todavia, não me pagou. Executei também outro desenho por 50 mil réis para Remedi (barco a motor). Na semana passada, escrevi uma carta para Tomei. Hoje, a Beppe, a Pedua, a Adelindo, ao tio, pedindo ajuda! E também uma carta para M. P.

de 18 de agosto a 10 de setembro

Nada de novo. Melancolia ainda e pensamentos constantes. Não vejo claro na vida e tenho todas as preocupações de um homem perdido. Por volta do dia 22, escrevo a Elio Gori, uma [carta] a Beppe e até agora é silêncio. Escrevi para Mamãe uma carta (a vigésima nona) reveladora de meu estado nostálgico. Mamãe me escreveu uma carta no dia 7 de setembro, uma tio Adolfo, Zanoni, Eugenio e, antes, Nello. Tenho um péssimo caráter e com isso pioro a minha vida. Meu pessimismo não me dá um minuto de

descanso. Um tormento constante toma conta de mim e nada consegue me satisfazer. A Pintura, a cada dia que passa, vai se enfraquecendo e já perdi toda esperança de êxito. Agora vejo tudo com muita clareza. Sou um homem sem rumo e quase acabado. Hoje, dia 16, estive na casa de Lucchesi, um conterrâneo (de Mossa di Sassorosso) que mora na Rua da Cantareira, 47. Escrevo para Mamãe, a trigésima carta, e para Nello.

de 10 a 30 de setembro

A vida segue naquele mesmo passo de antes, mas acrescida do fato de que, dia após dia, cada vez mais percebo que sou um homem sem futuro. As opressões e os pensamentos tristes, além do futuro, me tiram também a tranqüilidade e agora não vejo no meu porvir nem uma pacata vida burguesa. A Pintura não tem mais razão de ser, porém, eu continuo tão apaixonado a ponto de não poder renunciar a ela e abandoná-la. Nesse período, fiz várias composições de arte sacra e, graças a isso, consegui me distrair e acalmar. Tive promessas de emprego, as ilusões de sempre. E agora tenho que fazer para Del Debbio pai um retrato para um médico. Fiz também um retrato para Antelo (uma porcaria), o qual, porém, apesar dos desenhos e das pinturas que fiz para ele e de tê-lo presenteado com quadrinhos, não se portou comigo com a generosidade de um bom amigo. Não acredito que o faça por maldade, apenas por pouca sensibilidade, e sobretudo porque nem suspeita disso. Só que eu tenho que pagar o quarto, 60 mil réis: não posso e ele me deve mais de 200 mil réis há quase dez meses. Recebo, por volta do dia 18, carta de Domenico Pennacchi com um bilhete de minha Mãe. No dia 28, cartas de Beppe, Olga e Bruno, Elio e Tomei. Hoje, escrevo a trigésima primeira carta para Mamãe; no dia 28, escrevi para Beppe; [carta] postada no dia 5 de outubro.

de 1º a 23 de outubro

Não tenho boa nova alguma. A verdade é triste e assustadora. Há vinte dias, no Brasil, fazem a revolução e eu não faço nada de nada. Esse é um dos períodos mais graves da vida vivida até hoje. Recebo de Antelo 35 mil réis, o suficiente para pagar o mês. Recebo correspondência de M. P. com êxito desfavorável. Elio responde à minha vide acima. Recebo de Tomei a *Emporium*. Escrevo, depois de dez meses, uma carta a Renato Avanzinelli e a trigésima segunda para Mamãe (datada em 13 de outubro). Hoje, dia 23, recebo carta de Mamãe (em resposta à minha trigésima).

23 de outubro, quinta-feira

24 de outubro, sexta-feira

25 de outubro, sábado

Novidade pessoal nenhuma. Hoje escrevo a trigésima terceira carta para Mamãe e uma para Oreste. Os revolucionários ganharam (24 de outubro) e o povo está entusiasmado com a vitória.

de 25 de outubro a 9 de novembro

Estou atravessando a fase mais negra de minha vida. Minhas iniciativas, já desalentadas antes de nascer, encontram obstáculos que não superam. As coisas se precipitam e a miséria cresce a cada dia. Terminei o retrato de Rocha Brito; agora executo composições, só para matar o tempo. Recebo carta de Beppe, anterior à revolução. No dia 2, escrevo a Beppe; no dia 1º, à Srª Rocchi-Burlamacchi; no dia 4, escrevo a Virginia. Recebo ainda uma carta de Carlo A. Pedua. Escrevi também a Tomei.

de 9 a 18 de novembro

Passaram mais dez dias. Estou mais atrapalhado do que nunca, minhas alucinações não têm mais fim. Tenho medo de tudo. Não sei e não posso fazer nada. A depressão moral está no limite, como irá acabar? No dia 15, fui a Campinas para fazer uma prensa. Nunca passei dias tão lúgubres na minha vida. Teria morrido de bom grado, mas não quero morrer nesta terra, quero ficar entre meus mortos e meus entes queridos. Escrevo uma carta a Virginia no dia 14; no dia 13, recebo outra dela, gentil e reconfortante. Recebo, no dia 17, carta de Mamãe. Escrevo um cartão-postal para Beppe, implorando. Tudo, absolutamente tudo deu errado para mim e agora estou com medo dos homens. Para ir a Campinas, Antelo me dá 20 mil réis e seu pai me dá 50 na volta, assim pago 25 do quarto e 10 da roupa.

de 18 de novembro a 4 de dezembro

Mal, ainda mal. Nesse meio tempo, tratei de encontrar uma ocupação qualquer e não achei nada. Beppe me escreve por intermédio de um calabrês, no dia 25, e, no dia 30, recebo outra [carta] bem desolada por causa do que eu tinha escrito. Promete-me o dinheiro para a viagem. Escrevi para Mamãe, a trigésima quarta, no dia 25.

de 4 a 20 de dezembro

Bem mal ainda. Do Rio Grande, da parte de Dino, recebo 90 mil réis. No dia 5, recebo carta de Mamãe e respondo, no dia 9, com a de número trinta e cinco. Nesse período envio e recebo várias cartas de Virginia. Não estou certo ainda do que ela pensa, acho que não tem considerações bem fundamentadas sobre nosso amor, me parece cansada e não me esclarece de modo algum sua situação. Estou desolado também por essa atitude dela. Antelo não conseguiu ganhar um tostão. As medalhas dos chefes revolucionários, bem executadas numa coleção quase completa, até hoje só lhe deram grandes despesas. Sua situação é bem triste e, algumas semanas atrás, se desentendeu também com seu pai, por causa de alguns desenhos e, principalmente, de sua garota. Ontem, dia 19, recebo carta de Renato Avanzinelli. No dia 15, envio bilhete-postal a Fedele, solicitando algumas informações e desejando boas festas. Na terça-feira última passada, escrevi carta a Beppe.

de 20 a 28 de dezembro

Hoje, dia 28, recebo carta de Tomei. Continuo minha correspondência com Virginia. Cada vez mais me convenço de sua bondade e de seu amor. Nessa semana que passou e na anterior, ganhei, por dois trabalhos, 45 mil réis e assim paguei à dona 60 mil réis pelo quarto e 30 por um par de sapatos. Amedeo e Assunta são muito bons e me entretêm freqüentemente com eles, tratando-me como um parente.

de 28 de dezembro a
20 de janeiro de 1931

Ano novo, vida nova? É ainda o velho e não vislumbro nenhum clarão, nem novo, nem melhor. Vida desprovida da menor alegria, repleta de privações, grandes sacrifícios, vergonha. Odeio-me. Sinto-me tão fraco que gostaria de desertar de mim mesmo. Não daria um tostão por minha cabeça de tão desprovido de memória que eu ando. Antelo iniciou uma infinidade de negociações. Por mais que diga, até agora, só promessas. Eu executo alguns desenhos e, às vezes, algumas aquarelas para Antelo. Estou tentando na *Gazeta*, como desenhista, mas não há vagas. Na sede do Partido Fascista, o Capitão pouco se ocupa comigo e me olha como se eu fosse um pobre coitado. No dia 6, Balbo cruza o oceano. Grande entusiasmo nos italianos e nos brasileiros. No dia 28 de dezembro, recebi de Aspasio um vale de 50 mil réis. Virginia parece alimentar ainda uma

chama viva de amor; eu a amo muito, mas não concebo a possibilidade de viver no Brasil. Nasci para ser um ermitão e não um homem de negócios. No dia 28, recebo carta de Mamãe. No dia 14 de janeiro, de tia Edvige. Escrevo para Oreste uma longa carta, no dia 9 de janeiro, e para Mamãe, a trigésima sexta, nos primeiros dias do ano. No dia 1º, escrevi também a Beppe. No dia 20, escrevo carta para Pedua e para a tia Edvige.

de 20 de janeiro a 6 de fevereiro

No dia 25, escrevo carta para a tia Edvige, Pedua e Mamãe, a trigésima sétima. Recebo carta de tio Adolfo. Pelo navio de 6 de fevereiro, envio carta para tio Adolfo - com carta de E. P. e bilhete para Adelmo - e Mamãe, a trigésima oitava, com bilhetes para Rosa e Zelinda. Beppe me escreve uma carta, eu respondo logo. Virginia me escreve todas as semanas e é boa e carinhosa. Sinto muito amor por ela, mas não consigo imaginar minha vida lá, naquele lugar. É uma complicação que me preocupa. Antelo resolveu o problema da garota, agora ela vem. O pai finalmente lhe deu o necessário para a viagem, porém, embora seja ativo e cuide bem do que é seu, ele não consegue fechar nenhum negócio que lhe dê um certo lucro. Agora estamos fazendo projetos para monumentos fúnebres. Nos primeiros dias deste mês, trabalhei na Lapa, como pintor de paredes, a 10 mil réis por dia. No dia 25 do mês passado, chegou aqui Balbo com os outros aviadores da travessia atlântica. Festa e entusiasmo nos ambientes patrióticos.

de 6 a 20 de fevereiro

Trabalho mais quatro dias na Lapa. Pago, por conta, 20 mil réis a Angelini. Executo ainda projetos para Antelo. Nesses dias, trabalho no acabamento e na decoração da casa da Ponte Pequena. No dia 11, chegam de repente Dino e Alcide. Só no dia 14 consigo ver Dino. Alcide já tinha partido para Jacutinga. Minha mãe me envia algo, e é sua lembrança boa e carinhosa que me deixa comovido como nunca. Penso na minha vida. Virginia me escreve sempre com muito amor e nos sentimos cada vez mais ligados pelo afeto. No dia 20, recebo outra carta de minha mãe, enviada por intermédio de Capannacci, de Villa. Não o vi e não sei bem quem seja. A Zelinda do moinho me manda, por intermédio de Dino, um presentinho. Amedeo e Assunta são sempre muito bons para comigo e, quando estou com eles, me sinto como se estivesse em família. Na Ponte Pequena, nesses dias de trabalho, fico com o engenheiro Faliero Del Debbio; tanto ele

como sua esposa, Elide, são de uma refinada gentileza e de uma bondade pouco comum. Por intermédio de Dino, recebi bilhete de Adelindo e uma linda cartinha de Gigi.

de 21 a 26 de fevereiro

Trigésima nona carta para Mamãe. Trabalho feito louco na oficina de Antelo, sem nenhum proveito. Estou cansado, cansado da vida. Escrevo para mamãe com o triste pressentimento de que nunca mais a verei. Pobre mamãe. Beppe permanece mudo. Desde o mês de dezembro não recebo suas novas. Virginia é carinhosa e me escreve cartas cheias de amor vivo, bondosas e reconfortantes. Procuro alegrá-la em minhas respostas, mas estou esgotado, acabado e tenho um medo enorme da vida. Sinto-me como um moribundo que almeja deixar esta vida para não sofrer mais.

de 26 de fevereiro a 22 de março

Recebo carta de Mamãe e respondo com a de número quarenta, hoje, 22 de março de 1931. Carlo Antonio Pedua me escreve uma carta muito carinhosa, me dá bons conselhos, oferecendo-me sua ajuda. Eu escrevo aceitando, no dia 10 de março, e hoje torno a escrever, solicitando-lhe que não demore. Recebo carta de Adelindo, batendo na mesma tecla. Respondo imediatamente no dia 12. Estive no Consulado para informações sobre a repatriação. Provavelmente conseguirei uma viagem semigratuita e partirei no dia 5 de maio próximo futuro; estou sem grana, caso contrário já teria feito minha reserva. Interrompi minha correspondência com Virginia. Antelo ainda está às voltas com a preparação de sua casa. Dá passos demasiado ousados e se encheu de dívidas; agora só enxerga sua amada e está totalmente tomado pelas coisas relativas à sua chegada. Para ele, não existe mais nada e tenho certeza de que agora esse é seu único amor. Recebo, no dia 12, carta de Beppe: agora está empregado. Respondo no dia 14. Escrevo, desejando Boa Páscoa, a Gigi, Zelinda Dini, assim como a Mamãe (a quadragésima carta). Até hoje, continuei hospedado na casa de Faliero. São tão gentis que me proporcionam um grande alívio. As meninas são muito vivas, independentes e bem divertidas.

de 22 a 30 de março

Chegou a garota de Antelo com a mãe. É muito bonita, tem um aspecto simples e impressiona bem. Deve ser também boa e carinhosa. Antelo, como sempre, não se

mostrou um bom amigo. Quando elas chegaram, não as apresentou. Conheci-as entrando na casa e demorando por lá com um pretexto. Faliero e sua esposa me hospedam muito gentilmente. Nesses dias, executei cinco almofadas. Minha anfitriã se encarregou da venda e foi ela mesma quem me comprou a seda. Não tenho um centavo nem para o bonde e procuro Antelo, como se fosse um mendigo.

de 30 de março a 9 de abril

Tenho de procurar Antelo mil vezes para obter alguns centavos. A situação dele é grave, mas, apesar de tudo, está bem: dorme bem, come muito bem, não lhe falta nada. Nunca se lembra de mim, nem do que me deve e do trabalho executado para ele. Estou cada vez mais convencido de seu egoísmo. Recebo carta de Mamãe (2 de abril) e cartão-postal de Nello. Na Semana Santa, executo uma Virgem, de perfil, com o filho no colo (Nossa Senhora da Laranjeira) e acredito que seja a coisa mais bonita que fiz até hoje. Dou-a de presente a Faliero. Passo a Páscoa com Amedeo. Não tenho um centavo. Almoçamos no campo (Parque Jabaquara) e eu não posso contribuir para as despesas de jeito nenhum. Ele não quer, mas eu me sinto na obrigação. Tenho vergonha de mim mesmo. Espero com ansiedade e medo a resposta de Carlo A. Pedua. Será a vida ou a morte. Aqui a perspectiva do futuro é assustadora. Escrevo para Mamãe, a quadragésima primeira carta (12 de abril).

de 9 de abril a 4 de maio

Atravesso uma fase bem crítica. Do dia 12 ao dia 20, desenho para Antelo a 5 mil réis por dia, para um concurso para uma estátua e monumento de Santo Antônio no Pari. Faço quase tudo por minha própria iniciativa e Antelo está contente. Não decidimos nada caso ganharmos o concurso. Termino no dia 20 e, até hoje, zango pelas ruas, procuro encomendas nos melhores cinematógrafos, mas, apesar do interesse de Faliero, não consigo nada. No dia 20, encontro Alcide, Dino e Marino, e, por alguns dias, fico na pensão Baião no lugar de Dino que irá ao Rio. Levado por uma necessidade absoluta, peço a Dino para empregar-me a qualquer condição. Ele concorda e dentro de alguns dias começarei a trabalhar por 9 mil réis; Alcide também trabalhará e provavelmente virá morar no meu quarto. Por intermédio de Faliero, consigo de seu pai 50 mil réis, que me dá por dois meses de trabalho na casa de Antelo na Ponte Pequena. Escrevo para

Beppe, pedindo a[juda]. No mesmo dia recebo uma carta dele (dia 21); recebo carta de Mamãe (no dia 26). Vou com frequência à casa de Amedeo.

de 5 de maio a 3 de junho

Trabalho o mês inteiro com Dino, ganhando 9 mil réis por dia. O trabalho é bem puxado. Nos primeiros dias, resisti muito mal à fadiga, mas agora a agüento melhor. Durante o mês, ganho 198 mil réis. Recebo algumas cartas de Mamãe. Escrevo a quadragésima segunda carta, no dia 10 de maio, e a quadragésima terceira, no dia 30 de maio. Beppe me escreve e me manda também 50 mil réis. Dessa vez, também, Antelo não consegue prêmio algum no concurso para a estátua de Santo Antônio. Recebo carta de Pedua. Promete me enviar 500 liras em meados de maio. Escrevo carta aos tios de Asciano (3 de junho).

de 3 a 24 de junho

Trabalho com Dino, durante onze dias. Faço um pequeno trabalho de pintura no Cambuci, ganho 25 mil réis. No dia 18, começo a fazer croquis aquarelados para Palmarino. Recebo carta de Beppe (no dia 10), anunciando sua partida para São Paulo, ainda neste mês. Não respondo. Recebo carta do tio Adolfo (no dia 15), respondo imediatamente. Escrevo a Oreste (dia 17) e, no dia 24, a Carlo Antonio Pedua, e para Mamãe, a quadragésima quarta carta, no dia 26.

de 24 de junho a 20 de julho

Trabalho com Palmarino até 4 de julho e ganho cerca de 200 mil réis. Executo um Sagrado Coração de tamanho natural para a dona da casa e algumas pinturas em tecido, avaliando tudo em 210 mil réis, descontando assim o que lhe devia. No dia 6, começo a trabalhar para Salfati e no dia 18 recebo um adiantamento de 50 mil réis. Palmarino até agora me deu 50 mil réis, no dia 4, e 40 mil réis, no dia 19; fica me devendo 120. Por alguns desenhos executados nos dias passados para uma capela (decoração, uma escultura), Zago me deu 100 mil réis. Recebi de Dino, pelos dias de trabalho em julho, 100 mil réis, no dia 5. Recebo ao todo:

Palmarino	90
Dino	100
Zago	100

Salfati adiantamento 50

Executei também alguns lindos desenhos aquarelados de túmulos para Antelo. Não recebi correspondência de ninguém. Hoje escrevo para Beppe.

de 20 de julho a 6 de setembro

No dia 5 de agosto, escrevi para mamãe a quadragésima sexta carta e a quadragésima quinta em meados de julho. Trabalho na Salfati Buch. e, em julho, no total, ganho cerca de 280 mil réis. No dia 5 de agosto, recebi da Salfati Buch. 339 mil réis e Palmarino me pagou pelos desenhos 150
489

Com Antelo, participei de um concurso para quatro cartazes publicitários para os “Leprosos”. O resultado sairá no próximo 15 de setembro. Nestes últimos dias, recebo correspondência de mamãe, de Beppe, dos tios de Asciano, de Pedua, de Oreste Tomei e de Elio. Em agosto, recebi notícias sobre o ocorrido no moinho. Escrevo carta a tio Alberto e a Bruno (5 de setembro de 1931).

de 6 a 28 de setembro

Escrevo para Mamãe, a quadragésima sétima, e para Oreste, por volta de meados do mês. Trabalho na S. B. por treze dias e meio, recebendo, por conta, 100 mil réis. Trato do aluguel de um açougue de Dom Adelmo, à Rua Bela Cintra, 83 e combino com Beppe, que me telegrafa, anunciando-me sua partida para o fim deste mês. No dia 25, saiu o resultado do concurso para o cartaz “Leprosos”, perdemos. No dia 21 de setembro, recebo uma longa carta de mamãe. Escrevo uma carta à Sr^a Santini Panizza.

de 28 de setembro a 18 de outubro

No dia 4, chega Beppe, trazendo consigo Oreste, de Careggine. Dia 6, à noite, mudamos de residência e agora moramos na Rua Bela Cintra, 83, num quarto arejado e limpo. Oreste se encarrega da comida. Eu limpei o açougue e com Antelo comecei a executar uma cornija do Instituto Musical. Nos últimos dias do mês anterior, escrevi para mamãe a quadragésima oitava carta.

de 18 a 25 de outubro

No dia 23, inauguração do açougue. Dino me empresta 250 mil réis. Mamãe me escreve, no dia 22, e Oreste, um cartão-postal. No dia 25, respondo a Mamãe, a quadragésima nona [carta].

de 25 de outubro a 23 de novembro

O açougue, nesses últimos tempos, leva a ter boas esperanças. Amedeo nos ajuda muito. Eu estou sem trabalho. Nesses primeiros dias do mês, dou uma limpadela numa casa da patroa. Recebo carta de Elio, fotografias de quadros da Sr^{ta} Rocchi Burlamacchi, carta do tio Adolfo e uma carta de Mamãe. No dia 24, escrevo a quinquagésima carta a Mamãe, com um bilhete para Rosa, Italia e Marino, uma carta à Sr^a Rocchi Burlamacchi e ao tio Adolfo.

de 23 de novembro a 26 de dezembro

Estou sem trabalho. Executo desenhos e esboços, mas, embora tenha melhorado muito nessa técnica, ainda me sinto pouco seguro e pouco satisfeito de mim mesmo. O açougue me dá preocupações constantes e os lucros não existem. Fico preocupado e tenho também várias brigas com Beppe. Por volta do dia 10 escrevo a Elio e recebo resposta no dia 24. Mamãe me escreve, no dia 24, uma longa carta com um bilhete carinhoso de Bruno. Olga me envia um cartão-postal. Hoje, dia 26, escrevo para Mamãe, a quinquagésima primeira carta, com um bilhete para Bruno e outro para Nello e para Olga. No dia 18 passado, Antelo casou, estive no casamento e fui padrinho no civil. A festa foi bem simpática. Escrevo a Oreste Tomei.

de 26 de dezembro a 6 de fevereiro de 1932

O açougue vai seguindo em frente com brigas constantes entre mim e meu irmão. Estamos tratando da venda, mas não fechamos o negócio. Em janeiro, pinto paredes para a patroa, e, em meados desse mês, com Del Debbio, monto um ateliê de reclames, e, na segunda quinzena, temos trabalho constante. Nesses dias, realizei muitos projetos de cartazes publicitários. No dia 20, recebi carta de Mamãe, Gigi, Delmo, e respondi para Mamãe, a quinquagésima segunda. Escrevo para Elio, no dia 27 de janeiro.

7 de março, terça-feira

O açougue ainda é nosso. Agora as coisas estão mais tranquilas, mas eu não sei exatamente como elas vão. O ateliê Clamor não rendeu mais nada. Realizei muitíssimos projetos, nesses últimos dias, até dois desenhos para uma casa de moda, mas a dona, ao ouvir o preço de 120 mil réis, só faltou bater na gente. Continuo desenhando, mas só para me exercitar. No dia 1º, recebo carta de Oreste Tomei. Escrevo para Mamãe (a quinquagésima terceira), para Gigi, para os tios de Asciano (Zelinda, Pacy, Italia) e para Tomei.

27 de abril, quinta-feira

Trabalhei muito. Cartaz publicitário para a Apogastrina por 250 mil réis. Outros projetos para cartazes, muitos estudos para composições e alguns quadrinhos a óleo. O açougue estava indo de mal para pior e me decidi, no dia 14 de abril, a ficar com ele, oferecendo a Beppe 700 mil réis que Amedeo me emprestou. Nesse período, recebo duas cartas de Mamãe, uma para a Páscoa e outra em meados deste mês. Respondo hoje, com a carta de número cinquenta e quatro.

4 de junho, domingo

Estou sempre ocupado no açougue e não encontro nem tempo nem a liberdade para me dedicar ao desenho. O açougue vai indo e está dando algum lucro. Beppe ficou com o açougue da Rua 13 de Maio e agora parece bem satisfeito. No dia 1º de junho, Mamãe me escreve uma carta e eu, hoje, dia 4 de junho, respondo com a carta de número cinquenta e cinco.

16 de agosto, quarta-feira

Há mais de dois meses, não recebo correspondência de casa e nem posso escrever por falta de serviço postal. Hoje tento [enviar] uma carta pelo S[erviço] P[ostal] aéreo. Há 29 dias, São Paulo está em revolução. O açougue vai em frente, mas com vendas menores. Quinquagésima sexta carta para Mamãe.

Desenhos executados desde julho de 1935

setembro	decoreção forum de São Paulo	5.000 +
outubro	cabeça do Duce	500 +

novembro	3 quadros vendidos ao escultor Usai (Rio)	1.000 +
dezembro	desenhos e escultura para Emendabili	1.000 +
janeiro	desenhos e escultura para Cerri	300 +
fevereiro	vários desenhos para o Partido Fascista e cartazes [...]	300 +
março	desenhos de santos e para campanha de gasolina	500 +
abril	desenho para o Cônsul (21 de abril)	500 +
	vários desenhos para Emendabili (túmulos Lucibello, Gomes etc.)	80 +
	cartaz para Maria Pia	
	desenho e escultura de flâmulas para Crespi	800 +
	desenho para bordadeira 60 + 20 + 10 + 30	120 +
	desenhos para Emendabili - concurso	4.000 +
	desenhos para bordado 25 + 35	
	três plantas	45 +

[Tradução de Mariarosaria Fabris]